

# SACERDOTES PROFUNDAMENTE HUMANOS<sup>1</sup>

*Formação humana e vida espiritual*

✠ Jorge Carlos Patrón Wong  
Arcebispo Secretário para os Seminários  
Congregação para o Clero

Gostaria de iniciar este momento com as palavras conclusivas da homilia do Santo Padre na Missa do Crisma, dia 29 de março último:

*O sacerdote próximo, que caminha junto com a sua gente, com aquela proximidade e ternura de um bom pastor (e, na sua pastoral, por vezes está à frente, outras vezes no meio, e outras ainda seguindo um pouco mais atrás), as pessoas não só o estimam muito, passam a sentir algo de especial por ele, que se sente quando se está na presença de Jesus. Por isso, não se trata de um “a mais” este reconhecimento da nossa proximidade como pastores. Por nosso agir fazemos valer se Jesus se fará presente na vida da humanidade, ou se permanecerá no campo das ideias, fechado em um nome escrito com letra maiúscula, confinado em um bom hábito que aos poucos se torna uma rotina.*

Durante aquela celebração Eucarística o Papa Francisco mencionou diversas passagens da Liturgia da Palavra, que sugerem o tema da “proximidade”: Deus que se faz próximo do homem, Jesus que foi ungido para anunciar uma mensagem de esperança e por isso de proximidade, e, por fim, aquela do padre. Aquilo que subjaz a esta visão de *proximidade* destacada pelo Santo Padre é a formação humana, ainda que em nenhum momento de sua homilia apareça em palavras.

É necessário pontuar que a proximidade não se trata apenas de um comportamento gentil ou de um método comunicativo, mas de “*uma atitude que envolve toda a pessoa, o seu modo de estabelecer vínculos, seu modo de ser ela mesma e como se faz atenta ao outro*”. Uma atitude como essa, não restam dúvidas, pertence a quem é humanamente maduro, a pessoa que permitiu que crescesse em sua vida aquelas virtudes humanas que a tornaram capaz de estabelecer relações autênticas e pacíficas, com suficiente estabilidade emotiva e serenidade de afetos.

Como bem sabe, este não é um tema inédito. No caminho desenvolvido nestas últimas décadas, especialmente a partir da *Pastores dabo Vobis*, a formação humana tornou-se um tema crucial. A centralidade de Cristo Bom Pastor como figura fundamental na qual se inspirar para a configuração sacerdotal, a redescoberta da proximidade como “chave de evangelização”, e ainda, algumas situações desagradáveis que dizem respeito a conduta de padres e seminaristas têm reacendido os refletores de maneira totalmente nova sobre esta importante dimensão da vida e da espiritualidade.

Sem deixar de levar em consideração a gradualidade dos percursos pessoais até o sacerdócio, assim como as vias e instrumentos pedagógicos do acompanhamento formativo, hoje, mais do que em outros tempos, precisamos ser corajosos e determinados na hora de afirmar que a Igreja tem necessidade de Sacerdotes plenamente homens e profundamente humanos. Só um homem maduro e sereno pode exercitar o dom do presbiterato de maneira fecunda.

O trabalho de acompanhar e discernir a vocação sacerdotal, com um olhar especial para com a formação humana do candidato, é aquilo que corresponde ao seu serviço como Reitores e Diretores

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no Encontro com os Reitores e padres Espirituais dos Pontifícios Seminários Regionais da Itália, 13 de abril de 2018, título original “*Sacerdoti profondamenti umani*” – livre tradução nossa.

Espirituais. Trata-se de ajudar os candidatos a desenvolverem aquela justa e necessária maturidade pessoal em vista do futuro ministério, a capacidade de cultivar as qualidades humanas necessárias para a construção de uma personalidade equilibrada, forte, livre e que seja capaz de carregar o peso da responsabilidade como Pastor.

Sobre este argumento parece ser oportuno, antes de outras apreciações, que seja feita uma reflexão sobre os conteúdos da direção espiritual. Não obstante as muitas apresentações feitas sobre o tema, pode acontecer desse serviço ser entendido como algo “*separado*” de questões ligadas a intimidade da pessoa e a vida concreta quotidiana. No dia 01 de junho de 2017, na Assembleia Plenária desta Congregação, o Santo Padre falando deste argumento usou a expressão “*uma espiritualidade sem carne*”; a Congregação para a Doutrina da Fé, recuperando o Magistério ordinário do Papa, publicou o Documento *Placuit Deo*, onde coloca-se em destaque a preocupação por entender-se a salvação cristã como um caminho meramente interior, separado do corpo, das relações e da realidade material.

Também na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre a tema da santidade, o Papa Francisco atacou o gnosticismo de quem tem “*uma mente sem Deus e sem carne*”, isto é, de quem mede a vida espiritual a partir do acúmulo de conhecimento e engloba o mistério de Deus nas fórmulas teóricas, sem preocupar-se com a “carne”, ou seja, com a vida real.

Isso coloca em primeiro plano a exigência por entender o acompanhamento espiritual não como um hábito que se limite exclusivamente a vida de oração ou a alguns conselhos sobre meditação e leitura espiritual; pelo contrário, em virtude da Encarnação de Cristo, nós sabemos que a vida espiritual não é abstrata nem separada do quotidiano: nela está o centro de uma existência plenamente humana, e nada daquilo que lhe é humano, é-lhe estranho.

A *Ratio* sublinha com clareza que a santidade de um presbítero e o exercício eficaz do seu ministério, em grande parte, dependem de sua personalidade amadurecida, do seu equilíbrio psico-afetivo e das virtudes humanas que devem necessariamente pertencer ao Pastor. Parafraseando São Tomás de Aquino, não existe uma graça eficaz sem a natureza humana.

No Seminário, a formação espiritual não deve negligenciar os vários aspectos e níveis da pessoa: *biológico*, que indica o crescimento e a evolução em suas diversas fases; *emocional*, que engloba também as sensações e as percepções psicológicas do candidato; *intelectivo*, relacionado aos pensamentos, as ideias e a capacidade de decisão. Entretanto, é preciso ter um atento e escrupuloso discernimento sobre o âmbito relacional e afetivo, cujos aspectos observáveis vão desde um cuidado equilibrado com o próprio corpo até a capacidade de dialogar serenamente com o outro; da sinceridade a gentileza no tratar o outro; da capacidade de suportar as fadigas e os empenhos até a tranquila interiorização da castidade e do celibato. Esta é a razão pela qual se pede que o Diretor Espiritual resida no Seminário e participe da vida quotidiana da comunidade formativa.

É preciso trabalhar com generosidade para ajudar os candidatos ao sacerdócio a maturarem uma identidade forte, livre e estável, que os possibilitem de não reprimir/esconder o processo de desenvolvimento afetivo e sexual e, contemporaneamente, os façam mais sólidos interiormente, pacíficos e equilibrados nas relações interpessoais e na aquisição interior da castidade.

No tocante a formação humana não pode haver superficialidade: não é possível ser padre sem ser, por primeiro, um homem maduro, estruturalmente equilibrado e afetivamente estável.

Por isso, a formação sacerdotal deve ajudar o candidato a ler em profundidade a sua própria história, interpretá-la à luz do projeto de Deus e acolher com humildade as próprias fragilidades, para depois, com o auxílio dos meios espirituais, e, caso seja preciso, com o auxílio das ciências humanas,

remover os obstáculos de natureza psíquica, afetiva e emocional, que impediriam um tranqüilo desvelar-se do mistério.

No Congresso promovido por este Dicastério no ano de 2015, em comemoração pelo 50º Aniversário do Decreto Conciliar *Presbyterorum ordinis* e *Optatam totius*, o Santo Padre afirmou:

*Um bom padre, antes de tudo, deve ser um homem com sua própria humanidade, que conhece sua história com suas feridas e riquezas, e que aprendeu a fazer paz consigo, adquirindo certa tranqüilidade interior, própria de um discípulo de Jesus. A formação humana é uma necessidade para os padres pois aprendem a não serem dominados pelos próprios limites, mas a fazer frutificar os próprios talentos. Um padre que seja um homem pacífico, mesmo nos momentos fastidiosos, saberá difundir serenidade ao seu redor comunicando a beleza da sua relação com o Senhor. Não é normal que um padre esteja sempre triste, nervoso ou rígido de caráter; não está bem e não faz bem; nem ao padre, nem ao povo.*

Este é o delicado serviço reservado ao Diretor Espiritual. Entretanto, cabe ao Reitor (agindo sempre em comunhão com os outros formadores) a síntese do discernimento. Recentemente a história de vida de alguns padres e as dificuldades que alguns Bispos estão enfrentando mostram com clareza quão indispensável é um bom discernimento feito com a máxima prudência e firmeza.

Algumas sombras (no processo formativo), somadas a certas fragilidades latentes, mas fortemente radicadas na personalidade, podem passar escondidas ou despercebidas atrás de uma perfeição de fachada, ou ainda, podem ser subestimadas durante o processo formativo, justamente por aqueles que deveriam acompanhar e discernir cuidadosamente sobre o candidato.

O Papa Francisco recomendou aos formadores: *“Quando se trata das vocações sacerdotais e do ingresso ao Seminário, vos peço; façam um discernimento na verdade, tenham um olhar atento e cauteloso, sem levezas e superficialidade!”* (PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes do Congresso Internacional da Pastoral Vocacional*, 21 de outubro de 2016).

A *Ratio*, como sabem, recupera várias vezes esta imprescindível necessidade do discernimento, seja na seleção dos candidatos para o ingresso no Seminário, seja ao final de cada etapa. O mesmo deve valer, em especial modo, para todas as questões inerentes ao âmbito afetivo e sexual.

✠ Jorge Carlos Patrón Wong  
Arcebispo Secretário para os Seminários  
Congregação para o Clero